

Já tem.

*Fante
Poesia de Lima*

BALLET DO PRIMEIRO GALO

JORGE DE LIMA

O marinheiro estando na escuridão, passou a mão no furto:

- Ai que estou é furtando a estrela papacéia!

Num vasto gesto coreográfico retirou a dextra, rodou na ponta dos pés, satisfeitíssimo:

- Coisa muito melhor: toco a crista de um galo. Que canta!

O diretor da cena começou imediatamente a corrigir as tendências literárias do bailarino, amputando algumas danças de encomenda para ressaltar a cerimônia e o suntuoso adágio do início. Pouca literatura nestas coisas de ballet, ouviu, mano! Do contrário largo esta joça! Passado o incidente, o marinheiro muito valorizado com sua cabeleira de ébano e grandes olhos mortos, executando piruetas difícilísimas leva o galo para bordo. Surge mestre cuca com seu séquito de cozinheiros em passo de mazurka, à frente Solis Pinzon, grande descobridor, equilibra sobre a cabeça uma panela de metais semi-preciosos para ferver o galo. Intervem o capitão: o galo é para todos os efeitos mascote, pertence dêste momento em diante à família de bordo: comê-lo é praticar verdadeiro incesto.

A viagem começa em 1500 e pico e é transmitida em ondas curtas à platéia pelo Journal de la Societé des Americanistes de Paris. Transmite-se imediatamente a promoção do bailarino a piloto-mor por causa da descoberta do galo, mas êste sem habilitações coreográficas é despedido da companhia por não conter nenhuma vontade heróica, nenhuma idéia plástica, tudo existindo nele para interesses puramente publicitários.

Entretanto, a nau prossegue já liberta do tempo e do espaço, mesmo da jesuítica era de 1500 e tantos, com Tomé de Souza medroso de comer cabeça de peixe. Os marinheiros justamente querem é comer cabeça de xaréu, de carapeba, de curimans, por causa dos princípios nutritivos que os cabo-verdes sábios, os cabindas sábios dizem existir no gênio de Machado de Assis. O alto falante está agora dizendo que o bergantim do galo foi torpedeado pelos árias à altura de Fernando Noronha. O resto da tripulação: dois caboverdeanos, dois portugas e um índio de torna-viagem se salvaram em cima de um pneu-

mático. O resto da população não morreu propriamente de nazismo, mas de escorbuto. Sabe-se que o galo silenciosamente se salvou, e segue viagem com os heróicos naufragos. No correr da viagem até a altura das barreiras de Jequiá não passou nenhum avião que localizasse as pobres vítimas. Por cúmulo do caiporismo desceu sobre o barco uma calmaria de morte. Há nos olhares da tripulação um desejo recôndito de comer o galo. Aí vem a sua defesa. (Muito cuidado a fim do bailado mais a expressão social dos principais proletários ao descrever os rápidos tours-doubles não ficarem demasiado russificados). No segundo dia de fome completa, a ave, compreendendo a sua situação insustentável, acomoda-se às circunstâncias e põe o primeiro ovo. Depois mais outro, e outro, enfim dezenas.

Nenhuma censura moral. O fato econômico predomina. Até mesmo o galo se sublima em constelação e guia o barco em veloz estirada corrida até as terras do Pau-Brasil. O rei Cunhanbebe nunca vira animal tão belo. Só mandando-o de presente a outro guerreiro, a outro rei. Agora só se fala língua-geral. A platéia mune-se imediatamente de pequenos dicionários e decreta-se nas repúblicas vizinhas o seu ensino obrigatório.

Aviso: não se admitem línguas travadas. O verbo transitivo pede dois pronomes, a primeira pessoa do plural apresenta às vezes uma flexão inclusiva e outra exclusiva. A abundância e flexibilidade dos supinos recomeça o ballet em notáveis fouettés. Cunhanbebe alça o galo executando uma cabriola heróica. Entram em cena vários índios de Alencar em pas-de-deux. Agora afluem os andarilhos da grande nação. Primeiro os de beira-mar, depois os do centro até o baixo S. Francisco, até os chapadões da bacia do Amazonas, até o alto Purús, até o Orenocom à Guyana, à nação do Nahuatlato.

Vamos pois acabar com êstes diálogos de grandezas, e adiantamos a viagem do galo pelos caminhos do Brasil, feita pelos geógrafos carijós, caraibas, maipures, panos, nambiquaras e muitos outros grandes bailarinos mais rápidos que o telégrafo. Ao começar o terceiro ato, o alto falante avisa que o galo partiu do Recôncavo, pousado no cocoruto de valente pioneiro tupinambá.

E' para admirar-se os elegantes pliés que o andarilho adota até a grande redução de Santo Antônio de Jacobina. Muitas confrarias aderem ao ballet, empunhando estandartes, ostentando opas,

agitando turíbulos servidos de sementes de cumarú. Daí vão até o Piaguí, freguesia de Nossa Senhora da Vitória, cento e setenta léguas corridas, e pela parte do norte até o Ceará-mirim, oitenta léguas, e daí até o Ceará grande, trezentas léguas. Os currais desta parte não de passar de oitocentas léguas, e felizmente os índios levam o galo sempre no cocoruto atravessando rios, lagoas, restingas, fundões, peraus insondáveis e boqueirões, numa chispada dôida. Nas pedreiras de Cunani avistaram emas; o galo era mais formoso. Prosseguiram no arranco acochando de mais a mais o passo ginástico. Rente ao pico de Arassundava enxergaram araras, jandais, tucanos, patativas; nada disso: o galo era mais formoso. Às vezes paravam um tico de tempo incontável para o galo repousar uma madorna, tendo cuidado com as inúmeras cunhãs que desejavam se casar com a divina ave. Muitos instantes o galo passou rente à bôca das onças pardas, em cima dos berros da bicharia. Tupã os protegia como autócrata do ballet, espantando os mosquitos, as piranhas, as lagartas de fogo, e os jacareunas dos igarapés. Afinal abicaram à boquinha da noite na casa de Macobêba, setecentas e cinquenta léguas ao oeste da Serra do Bananal. Macobêba tinha vindo num pé só, de ali perto, da Guiana Francesa. Estava branco de fome, sendo logo de seu desejo ceiar o galo em forma de cabidela ou mesmo assado. O andarilho mundurucú (a ave já tinha passado de mão em mão por mais de quinhentas e oito tribus) passou o galo a seu vizinho tapanhuma que atravessou a Serra Tarumá pela estrada que da ponte do Sararé vai ao quilombo do Piolho. Aí, fora das garras de Macobêba, pararam num córrego sem água. Na zona dos cabixis, veio saudar o recente andarilho, o cacique Burití vestido de alferes. Num átimo desejou o galo. Seu portador adivinhando-lhe as intenções mais que depressa atravessou o rio Aripuaná, depois o Giparaná, foram dar ao Sul, no Guaporé. Daí subiram na sombra de um avião até a grande fronteira dos parintintins. Adeus rio Madeira, adeus Jamarí, adeus Guajará-mirim, vamos danados pra Colômbia, adeus Panamá, adeus Costa Rica, adeus Nicarágua, Honduras, S. Salvador, Guatemala. Adeus México!

Toca pras Cordilheiras, que os caudilhos também querem comer o galo.

Fazia três meses que o primeiro galo saíra do Recôncavo: fora

parar no Perú, na côrte o último rei inca. Ahí el rey recibió al ave con su casa imperial y su orquesta ~~ax~~ de trompeteros, pífanos, atambores y tlapitzallis. Cuando vió el gallo se puso a bailar una danza ritual poseido de santo furor, pues inmediatamente en su soberbia de guerrero se halló semejante a aquella ave. Y esta danza imitativa era como un batir de alas y gestos de cavar la tierra con los espolones. Después gritó para su gente, maravillada con aquel ballet improvisado:

- "Quiero ser gallo! Quiero ser gallo!"

Y pasó, efectivamente, a llamarse Atahualpa, que en lengua quichua quiere decir gallo.